



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo 15 de Agosto de 2009 • Ano LXVI • N.º 1707 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Director: Padre João Rosa Preço: € 0,33 (IVA incluído) Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



REFLECTINDO Padre Telmo

ESTOU em Paço de Sousa. Longe de Malanje onde temos tantas crianças pequenas a quem chamamos de «Batatinhas». Uma Casa do Gaiato sem «Batatinhas» é uma Casa triste: dia sem sol, nuvens negras e rajadas de vento... Quem manda nas crianças que perderam os pais ou filhos de pais alcoólicos e de lares desfeitos? O Estado se faz dono e famílias de acolhimento as recebem a troco de euros como mercadoria barata. O amor? O carinho? As lágrimas? Podem acontecer mas não é preocupação inicial. Baralho de cartas sem ases nem reis.

Sinto-me triste ao percorrer as ruas desertas da nossa Aldeia... Deserto sem oásis! Árvore truncada.

Bilhetes para África ou Brasil? Lá crianças são multidão... Correm, brincam e tomam banho, depois das chuvas, nas poças de água com suas pilinhas ao léu! Muitas delas sub-alimentadas, sem carinho nem escola... Padre Américo não hesitaria. Compraria duas grandes panelas, muitos pratos e alugaria, para começar, um grande barracão.

* * *

Vi, hoje, um cartaz de uma festa: Senhor dos Remédios.

Ele na Cruz com duas chagas no peito! Imagem do cartaz a fazer propaganda... Porém, por detrás dos braços abertos do Senhor, a imagem de um cantor. Dos lados e à frente, quase escondendo a imagem, fotos de grupos, de bandas, de ranchos.

Festas pagãs à sombra de mantos do Senhor e dos Santos!

Duas chagas no peito! Uma, sabemos, foi feita pelo soldado romano; outra, ano após ano, pela festa pagã.

Enfim, roguemos ao Senhor dos Remédios que remedeie a nossa fé, pois está muito fraquinha e doente. □

DA NOSSA VIDA Padre Júlio

O chamamento abraâmico é uma constante na vida do Povo de Deus; embora singular não foi único. Sendo irrepitível na sua dimensão e missão, renova-se ao longo da história em contextos particulares, também eles marcados pela confiança entre o que é chamado e O que chama, em ordem a alcançar uma promessa em favor do Povo.

Homem de fé plena, totalmente disponível a dar os passos para fazer o caminho que fora posto à sua frente, tornou-se por isso o Pai de todos aqueles que seriam sua descendência nos caminhos da loucura divina, insondáveis para a sabedoria humana.

Decerto que hoje como ontem é necessário, na expressão de Pai Américo, «perder o tino» das realidades que se apresentam aos nossos sentidos e inteligência, e confiar na sabedoria de Deus que «resolve num instante todos os problemas» para os quais a inteligência humana não encontra solução.

Os projectos de Deus para a humanidade são sempre de paz e de

Continua na página 4

ANO SACERDOTAL Padre João

PROCLAMADO pelo papa Bento XVI teve o seu início no dia 19 de Junho deste ano de 2009 e prolongar-se-á até 19 de Junho de 2010 encerrando com um encontro mundial de sacerdotes em Roma.

Não deixa de ser facto assinalável a escolha de S. João Maria Vianey (o Santo Cura d'Ars) para patrono deste evento sacerdotal mundial.

De facto, a Santa Igreja conta, na sua bimilenar história, com uma longa plêiade de ilustres filhos, elevados às honras dos altares. Não seria difícil escolher um insigne Doutor na arte de ensinar a Sã Doutrina, ou de a defender até ao sacrifício da própria vida...

Mas não! Bento XVI escolheu um humilde sacerdote, nascido na diocese de Lyon, no último quartel do século XVIII. Depois de enfrentar inúmeras adversidades, pessoais e sociais, da sua época, à realização da sua vocação sacerdotal e pastoral, pela sua persistência e fidelidade se tornou um ícone do sacerdócio de Cristo.

A vocação de Pai Américo encontra grande paralelismo e pontos de encontro na vocação do Cura d'Ars. Também Pai Américo encontrou grandes resistências à concretização da sua vocação. Em Vilarinho da Ramallosa, no confronto com o

burel de S. Francisco, ao fim de dois anos foi-lhe recomendada a saída "por ser demasiado impressionista". Ao bater à porta do seminário do Porto foi-lhe recusada a entrada porque a experiência de outras semelhantes tinham sido uma desilusão... Na hora certa, porém, Deus suscitou um "raio de luz". Foi D. Manuel Luís Coelho da Silva, Bispo de Coimbra, que, qual instrumento de Deus, o recebeu num gesto generoso e profético: "Deixem vir o homem e veremos!..." E viu-se. Foi o Padre Américo, a sua vida e a obra que realizou em favor dos mais pobres. Foi a sua vocação.

"Não se pode pregar o Evangelho a estômagos vazios." Apesar desta vertente antropológica ser central na sua acção e testemunho, a pedra de toque foi, sempre "a salvação das almas". "A alma vale mais que o corpo... por ela sangrem os padres da rua até ao fim."

Trata-se de "uma" salvação sem dicotomias nem falsos angelismos, nem subtis concepções de pobreza – o homem é uma totalidade. A sua atenção ao "outro" é normativa. Pai Américo não foi bem entendido por esse facto ao abrigar a "crápula" em casas arejadas, "ar puro" – a definição das suas aldeias do Gaiato.

Continua na página 4

MOMENTOS Padre Acílio

EMANUEL é um adolescente com modos muito educados, comunicativo e cumpridor. Atraiu-se à senhora e, com ela, tem aprendido muita coisa na cozinha e nos galinheiros.

Tem sempre um ar risonho e uma palavra agradável para me dirigir. Eu faço de conta que não percebo mas, só Deus sabe quanto aprecio!...

De vez em quando, vem desabafar. — *A D. Conceição é uma excelente senhora mas, muito exigente. Obriga-me a fazer tudo bem e, se não sou tão perfeito como ela entende, impõe que faça outra vez.*

Há dias, desentenderam-se e a senhora disse-lhe, no auge do desacordo, que não o queria mais na cozinha. O Marco estava lá, aproveitou a situação, chegou-se à senhora e começou a fazer o que competia ao outro.

Ao jantar, o Emanuel vem sentar-se na minha mesa e começa o seu relato: — *Senhor fulano, eu não vou mais para a cozinha. A senhora não me quer lá! Já estou farto. Também tenho direito de ir para as caldeiras. Olhe que eu gosto muito de fazer caldeiras!*

Temos aproveitado este tempo de férias, enquanto os mais novos estão na praia, para reassumir o pomar junto às instalações.

Há um grupo que faz caldeirinhas e caldeiras, outro que rega e outro ainda, que corta os secos e poda. Tem sido uma tarefa árdua, mas muito agradável aos rapazes! A vida está-lhes na juventude... e, a morte é detestável.

As árvores também lhes falam!
Emanuel exprimia-se com um ar de gozo, de desgosto e fingimento. — *Ela, fica lá com o Marco! Vai ver como cria saudades de mim! Eu vou para*

as caldeiras, senhor fulano. Olhe que estou a falar a sério!

Eu, ia-me rindo e lendo.

São momentos deliciosos, estes que os rapazes me proporcionam.

Ao pequeno-almoço do outro dia, lá estava o nosso homem na dele: — *Olhe que não vou para a cozinha. A D. Conceição não me quer lá!...*

Olhei para ele: — *Não brinquemos com coisas sérias!*

Bastou. O rapaz entendeu e, humildemente, regressou ao seu lugar e tem-no assumido com muito brio!

* * *

Ele cuida das galinhas, dos patos, das rolas e dos periquitos.

Todos os dias, tem acontecimentos novos para me comunicar. — *Os três galos andam sempre à bulha. O branco ficou careca com as bicadas dos outros. Os periquitos então, é uma guerra aberta. São todos machos — diz-me ele, com afirmação e desgosto. — Andam sempre à porrada! — E sugere: — Não podíamos comprar-lhes fêmeas?*

Foi à feira de Santiago, com 20 euros na mão e, o discurso político de comprar quatro com esta quantia. — *Mas olhe que são 6 euros cada um!...*

Mas, como são quatro, retorqui-lhe: — *Pode ser que te façam melhor preço. Ofereces 20 euros e não dás mais.* O rapaz voltou triste. E continua. O homem não lhas vendeu. — *Já viu? Agora continua sempre aquele espectáculo!* □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A MULHER DO EX-ENCADERNADOR — Já aqui vos falamos algumas vezes de um ex-encadernador e da sua família que temos andado a acompanhar. Hoje eles voltam a ser notícia por motivos tristes. A esposa faleceu. Tinha uma doença grave, em estado terminal, a que várias idas ao hospital nos últimos tempos já de nada valeram. O hospital mandou-a embora, tendo acabado por ser acolhida na casa do filho e nora que já estavam a cuidar do marido, afectado por doença neurológica degenerativa. Depois dessa vinda do hospital, a nora, antevendo o que estava para vir, telefonou-nos para arranjarmos um padre. Fomos lá assim que pudemos, levando o nosso Padre Júlio que deu a *extrema-unção* à senhora idosa. A nora não o deixou sair sem que antes também tivesse confessado o sogro, pois este dizia, com frequência, que o queria fazer. Passado dois dias a senhora faleceu numa derradeira ida de urgência ao hospital. A unção sagrada que o Padre Júlio lhe tinha ministrado uns dias antes chegou a tempo da sua partida deste mundo. Que isso seja um sinal e uma ajuda para que Deus a tenha no Seu Eterno Descanso. Ajudamos no funeral da forma que entendemos mais adequada. Agora é preciso continuar a cuidar do marido que permanece em casa do filho e nora com quem tem estado nos últimos tempos. Daqui para a frente o que é mais preciso não é tanto ajuda de natureza material, mas sim união dos muitos filhos no sentido de que, no tempo de vida que lhe resta, seja tratado com o carinho e os cuidados de que precisa. Faremos o possível por velar para que assim seja.

COMO É QUE ESTAMOS A CUIDAR DOS NOSSOS IDOSOS?

— Depois de termos referido aqui dados sobre as previsões no sentido do aumento da percentagem de população idosa no nosso país para níveis elevados, foi a vez de um diário económico dar grande destaque a um outro dado que vai no mesmo sentido. Segundo estatísticas recolhidas pelo Departamento do Censo dos Estados Unidos, Portugal está em 11.º lugar a nível mundial no que se refere à percentagem de população com 65 anos ou mais, à frente de países como a Finlândia, a França, o Reino Unido, a Suíça, a Dinamarca e a Noruega.

Poucos dias depois desta notícia ter saído, os meios de comunicação social traziam-nos outra sobre a forma como cuidamos de alguns dos nossos idosos. Para os lados de Rio Maior, num lar aparentemente com boas condições físicas estava alojado o triplo dos idosos para o qual ele tinha sido licenciado. Ao que parece, quase todos eles foram mandados para lá por hospitais psiquiátricos públicos! Se a situação é como os meios de comunicação social a descreveram, há aqui responsabilidades por parte do Estado. No entanto, não é só para esse lado que devemos olhar. Por isso, termino com a pergunta: Como é que nós, famílias e comunidades locais em primeiro lugar, estamos a cuidar dos nossos idosos?

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — As temperaturas continuam próprias para esta época do ano. Nesta altura, apanhar as batatas é uma tarefa árdua, a que alguns Rapazes se esquivaram, mas que é necessária. Foi semeada bastante batata, em dois terrenos. A alfalfa arrancou as batatas, que ficaram à superfície. As batatas cortadas aproveitaram-se, logo, para as refeições. Depois, separaram-se por calibres, das pequenas às maiores. Armazenaram-se no celeiro da batata e noutras arrecadações. Nos estrados, foram tratadas, protegidas da luz e com rama de eucalipto.

A milharada foi cortada e deixada a secar. Depois, foi junta para ser enfiada. Com aquela colheita, os jardins ficaram a precisar de ser arranjados.

FÉRIAS NA PRAIA DE MIRA — O primeiro turno, dos mais pequenos, gozou férias, junto ao mar, entre 17 de Julho e 7 de Agosto. Os «Batatinhas», depois de almoço, dormiram a sesta, até para não apanharem Sol, nessas horas. O turno decorreu com normalidade e alegria. Alguns Amigos deram-nos pão, bolos (de Franciscas) e produtos agrícolas (da Lentisqueira). Os gelados que comemos foram saborosos. Descansámos bem e fizemos muita praia. O nosso Padre Manuel veio celebrar as Eucaristias dominicais.

Depois, seguiu o segundo turno, dos mais crescidos, embora alguns estejam preguiçosos...

SAÍDAS — Vários Rapazes deixaram esta Casa, durante este ano, para continuarem as suas vidas. Alguns são maiores, completaram os estudos, foram trabalhar e viver com parentes seus. Assim, saíram: José Ribeiro, Luís Omar, Carlos Neves, Fábio Bastos, Rúben Fonseca e Bruno Silva. Que se agarrem ao trabalho e felicidades!

VOLUNTÁRIOS — Da Diocese de Aveiro, através do Secretariado missionário, vieram três jovens passar alguns dias connosco, com conhecimento do Amigo Sr. Bispo de Aveiro, D. António Santos.

80 ANOS DE PADRE AMÉRICO — No dia 28 de Julho, fez oitenta anos da ordenação presbiteral de Américo Monteiro de Aguiar, Padre Américo, no Seminário Maior de Coimbra, pelo Bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva. Aos 41 anos de vida, foi um dia muito feliz! Em nossa Casa, foi celebrada Eucaristia, por essa graça e pelo bem que continuamos a receber. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — No passado dia 19 de Julho, houve, como toda a gente sabe, o encontro dos Antigos Gaiatos. Na véspera, recebi esta mensagem:

«Boa noite. Tudo bem com o senhor?! Mando cumprimentos para toda a família. Tenho muita pena de não poder estar aí amanhã, mas deixo a mensagem de muito obrigado à Casa do Gaiato e a si, que muito devo. Um abraço do amigo que nunca se esquece — Truta».

São estes Rapazes, que podiam ser meus filhos, agora, pais de filhos, e que ao contrário do que muitos possam pensar, me vão dando alegria e força para continuar no caminho daqueles que fazem parte desta comunidade a prepararem-se para o amanhã.

Nem tudo cai em saco roto — felizmente!

Como sempre acontece, nestas ocasiões, é indispensável um jogo de futebol. Aproveitamos esse desafio para fazer a homenagem / despedida ao nosso Teixugueira. Este deu menos trabalho do que o «Truta». Foi sempre muito mais moderado nas suas atitudes. No entanto, duas verdadeiras «jóias», como todos, cada qual à sua maneira.

Fez o seu último jogo como guarda-redes pelo Grupo Desportivo. Foi-lhe entregue no centro do terreno e antes do jogo, pelo Toni, o «Batatinha» mais pequenino da Casa-Mãe: uma bola e uma *t-shirt*, ambas autografadas pelos Rapazes; dois galardões e no fim do jogo, a taça de campeões deste torneio. Ele merece!

A lealdade e a transparência, foram sempre a base do progresso da sua história aqui em casa. Ele agradeceu, e nós ficamos com pena de ele não poder continuar a colaborar com o Grupo Desportivo.

A jogar a bola, dois temperamentos completamente diferentes. O «Truta», um Rapaz duro e «mau»; já o Teixugueira, por vezes teimoso e..., mas mantendo sempre a calma necessária. Temos cinco dedos na mão, e nenhum é igual!

Já agora, muito gostava de saber do paradeiro do «Doutor», do Fábio, do «Pião», do «Azeitona» e outros, daquele tempo. Parece que estou a ver o Fábio, quando eu dizia alguma coisa que não lhe agradasse, punha-se logo a olhar de lado para mim. Apesar de não ser «pêra doce» a jogar a bola, era meigo! O «Doutor» era «reguilacho»...! O «Pião» mais calado... e o «Azeitona», sabia fazê-las!

Em relação ao jogo, não correu mal!... Ganhamos e mais uma vez fomos campeões — o árbitro não foi o Paulo «Mudo»!...

Ainda não foi desta, apesar de se ter jogado contra um contingente de jogadores. Eles pareciam formigas a entrar em campo e todos Antigos Gaiatos/recentes. À medida que iam chegando, iam-se equipando. Pelos vistos, ali, as regras do futebol não são as mesmas do futebol normal. Até descalço um jogou!

Com golos de «Bolinhas», «Joaninha», Abílio e Agostinho, contra dois dos Antigos Gaiatos, fixou-se o resultado final, com toda a gente a dançar e a cantar o tiro-liro-ló! Foi

uma festa! E que festa... dentro do campo!

Alberto («Resende»)

BATATA — Comandados pelo «Bolinhas» e com ajuda de alguns mais velhos que se destacam, entre eles o «Russo», o Maurio, o Ricardo Sérgio e o Rogério, a batata tem sido apanhada com muito labor e sacrifício. A colheita tem sido boa, esperamos que para o ano seja ainda melhor.

MATRÍCULAS — Agora é tempo de matrículas, muitos optaram por cursos de carácter profissional, outros continuam pela via normal, desejamos a todos boa sorte!

FÉRIAS — o primeiro turno já regressou de férias, tudo correu conforme o esperado. O segundo turno já partiu esperamos que tudo corra bem.

CASA-MÃE — No dia 4 de Agosto pelas 20h00, inaugurámos as novas instalações. Fizemos a nossa primeira refeição numa obra que nos enche de orgulho, pois ficou esplêndida.

A organização da Casa-Mãe ficou ao encargo do Nuno Almeida. Esperamos que esta nova estrutura dure três vezes mais que anterior.

MUDANÇAS DE CHEFIAS — Houve Mudanças de chefias, o Rogério passou a tomar conta da Casa, enquanto o Nuno Almeida foi para a casa 4 de baixo, o Zé Reis foi tomar conta da casa 3 de cima.

Hugo André

SETÚBAL

Danilo Rodrigues

PREOCUPAÇÃO DO RAPAZ

— E a ironia da vida continua a mesma... Eu, com tantas coisas para dizer, incrivelmente, ainda não sei do que falar. Por vezes, faltam-me as palavras, e o sentido à minha escrita vem da minha imaginação. Não é nada fácil de encontrar as palavras certas para narrar tantos acontecimentos... E, por fim, ao encontrá-las, olho bem para a frase e reconheço, que talvez, nem sejam aquelas as palavras que procurava. Então, quero algo diferente. Algo que toque nos meus leitores. Vocês.

Na última edição do jornal O GAIATO, fiquei estupefacto com a crónica em que o Sr. Padre Carlos revelava a impotência de um aluno, em particular. Sei bem, como vocês, que este já havia falado de mim numa outra ocasião e que, agora, parece que estou a dar o troco, mas não é bem assim. Foi mesmo nessa crónica que parei os olhos, que li para mim, que li para outros em voz alta e que, muitas vezes, pedi para lerem para eles. Só eu sei quão fiquei chocado! Quem não ficaria?!...

Rapazes que já podiam estar a ganhar o seu próprio sustento, que já se podiam estar a servir dos seus próprios conhecimentos, preferem, primeiro, serem servidos — o caso do aluno que repetiu o mesmo ano umas quatro vezes seguidas (!) e, depois, teve que se inscrever num curso profissionalizante. Aí, faltou oitenta e oito vezes sem justificação e passou! (?)...

Nem queria meter-me no assun-

to!... O que é certo é que fiquei mesmo muito perturbado. Estas situações só servem para pensar!... Uma pessoa lê assim aquilo daquela maneira e depois não se consegue aquietar. Imagina o panorama! ... Desfocado, talvez. Torce-se o nariz, encolhe-se os ombros, mas deixa-se andar. E estes acontecimentos, aos quais não consigo encontrar as palavras, fazem-me lembrar, mais ou menos, uma crónica que escrevi, há cerca de dois anos, num teste de Língua Portuguesa, sobre a preocupação de um rapaz. Não queria estar a narrar o facto do aluno não ir às aulas!... De maneira nenhuma!... Gostava, sim, de falar da sua despreocupação pela escola! Até porque, talvez, ande atarefado com outras coisas, não sei... Mas é preciso haver preocupação connosco e com os outros no que quer que se veja, no que quer que se faça ou no que quer que se diga...

E um excerto da crónica era assim: «A preocupação das pessoas parece estar somente ao seu lado, não longe. Um dia eu falei com um amigo meu: — Gosto que tenham filmado aquilo (reportagem do massacre em Ruanda) em África e que o mundo vá ver, é a única probabilidade das pessoas intervirem. — E ele interrogou-me: — Então, mas se ninguém intervir, continuará a ser bom mostrá-lo? — E eu pasmado: — Mas como podem não intervir, vendo tais atrocidades? — Com firmeza, ele, conta-me com arreganho: — Indivíduos, enquanto comem, ligam a televisão e deparam-se com as notícias que relatam um

massacre e a fome em África. Terramotos no Continente Asiático ou cheias na América Latina. Para mim, apenas dirão: — Meu Deus, que horror! — E continuarão a comer o seu jantar. — No dia a seguir algo acontece no seu bairro e andam todos, do local, atordoados com o que aconteceu, choram e param para pensar muito!... Isto, porque lhes aconteceu a eles!... E aos outros do mundo?! Não lhes acontece?! Meu Deus, são gente!... Se calhar, gente que se preocupa connosco, que acredita no mesmo Deus que nós! E Deus... Bem, Deus preocupa-se connosco e eles também. Acho que devíamos de nos preocupar igualmente, ainda que não possamos fazer nada.»

Leitores... Eu podia-vos poupar tempo... Para os vossos filhos, para o jantar da família, para irem à praia... Mas, sabem... É que eu necessito de partilhar com vocês este momento, em que um rapaz, meu amigo, me deixou boquiaberto. Precisava de desabafar, dizer algo, para não me deixar ficar abalado frente à televisão. Não sei porquê, mas acho que é algo de preocupante. É um assunto que provavelmente tenha de ser falado para não cair no detrimento!...

Este assunto veio-me assim à memória face à última visita do Sr. Padre José Maria, de Moçambique. Ele falou-nos, na nossa Eucaristia, da situação degradante naquelas zonas e eu achei, por bem, falar desta minha experiência vivida com aquele rapaz que, aos 14 anos, já tinha as suas preocupações... Lindo!... □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Património de hoje é uma manta de retalhos, tal como as minhas vivências junto dos Pobres.

Quando vim para a Casa do Gaiato de Setúbal, neste meu regresso actual, deixei vários projectos em andamento: — Uma casinha em recuperação que achei agora, já quase pronta, com chaminé alta para expelir o fumo do borrarho, o qual, antes, enfarruscava a casa toda, um forro bonito, uma casa de banho e um guarda — roupa grande, embutido na parede. Tudo bem e agradável, excepto a vivência íntima da família. Em desabafo clamoroso, o pequeno construtor me contou que o filho, um toxicodependente, corra atrás da mãe com uma faca, pressionando-a que lhe arranjasse dinheiro!...

O que aquela pobre mãe tem sofrido?!... Sujeitando-se às mais vergonhosas e hediondas aberrações humanas! Evidente e clamorosa necessidade de uma visita, ao menos semanal, de gente equilibrada e cristã!... — Que pusesse o filho na ordem!... Que lhe pedisse, que o exortasse e, em último caso, o ameaçasse com a denúncia de violência doméstica ao tribunal! O que os cristãos deviam fazer e, tantas vezes recusam, desculpando-se com a legislação: — O estado que faça, às assistências sociais compete resolver. Trabalhamos. Temos direito ao descanso, ao fim-de-semana, às férias e, até, às peregrinações e passeios ao estrangeiro!...

A casa está quase acabada. Falta ligar a água e a luz que aqueles pobres não desejam, mas que eu teimo em colocar para lhes dar gosto de um banho quente e de uma higiene agradável e de um odor corporal digno. Eles não querem, mas eu sou teimoso!

É uma obcecção que me vem da fé!...

A conta do Património irá suportar as despesas até que tenham adquirido o gosto de viver decentemente.

Passei ainda, por outras duas fraquinhas residências, onde tinha deixado em andamento também, as referentes casas de banho. Um mês depois, voltei... e... não vi nada. Tudo na mesma!... Assim se verifica o desamparo onde não há gente que se aflija com eles. A vida religiosa vai correndo rotineiramente, mas o clamor dos pobres não se escuta, não incomoda, não indigna. Abafa-se, com desculpas sempre contra os pobres, como se cada um de nós fosse, alguma vez, juiz dos outros.

Cada um há-de dar contas conforme a quantidade de talentos que o Senhor lhe deu!...

* * *

Um enorme salto até ao Alto Douro, levou-me a iniciar a resolução da vivenda de mais três famílias, duas das quais, eram as que habitavam em charcos de água, como relatei.

Uma reunião com os párcos deu o seguinte resultado: ou as entidades oficiais colaboram, como é seu dever, dando-nos o material, ou nós avançamos sem elas, pedindo somente que não nos estorvem.

Queremos fazer o melhor, o mais seguro, o mais cómodo, o mais construtivo e o mais rápido porque os pobres não poderão passar ali outro Inverno.

* * *

Encontrei muitas divisões desta Casa do Gaiato de Setúbal atulhadas de móveis, empurrando-me, por isso, para os pobres e para as suas necessidades.

Hei-de visitar!... — Que há dias, passando junto ao caminho-de-ferro, o «Zézinho», me advertia dolorosamente: — Olhe que aqui... — referia-se a antigas fábricas sem telhado — ... por dentro, há muitas barracas cheias de gente a viver mal. Há tempos passei, por aqui, com o Hélio e distribuímos facilmente, uma carradona de peixe fresco!...

Hei-de ir!... Logo, que o mais urgente, nesta Casa se encaminhe.

A esposa de um gaiato, a que já me referi, por duas vezes, veio-me com a necessidade de uma família desempregada, cujos pais, tinham um filho, colega da sua menina.

Não possuíam frigorífico e faltava-lhes uma cama para o bebé.

— Eu vou lá contigo — disse.

Assim aconteceu, mas o casal, ao ver-me lá, lembrou-se de outra família, no andar de cima, que não tinha nada. Nem camas, nem mesas, nem cadeiras, nem guarda-vestidos, nem frigorífico. Apenas duas televisões. Uma na sala e outra no quarto do filho!

— Canais de miséria, que esta gente não dispensa!...

A mulher estava doente e haviam quatro filhos. A mais velha, adolescente, apresentava uma cara anémica, olhos encoados e um reflexo de tristeza impressionante!

Cheguei à nossa Casa e, no meio da alegria dos rapazes, pedi voluntários que carregassem as mobílias.

Eles levantaram-se à uma!... Todos queriam ajudar.

Foram seis. Encheram a camioneta três vezes: — Camas, cómodas, mesas-de-cabeceira, colchões, um frigorífico, uma arca congeladora, cobertores, lençóis, etc.

Como me alegra a generosidade dos rapazes relativa aos Pobres!... A prontidão... O afínco... A alegria!... E como lhes faz bem à alma, agir assim!...

* * *

Ontem, ao chegar a Casa, com um grande grupo deles, estoiados todos, pelo trabalho duro na Arrábida, estacionei a carrinha, depois dos rapazes saírem e, preparava-me vagarosamente para deixar o veículo, quando me abrem a porta: — *Sô Pádacílio já*

não me conhece? — A voz saía por entre raros dentes de uma boca abandonada. Mas ainda me era familiar. Olhei a silhueta, iluminada pela lua, que já clareava e, identifiquei a pessoa.

Cabelos brancos, compridos, nariz agudo e aquele som, despertavam em mim sentimentos de paternidade!... Era o «Bikini». — Sou fulano — e, disse o nome próprio.

— Venho ter consigo porque estive preso durante seis meses, por não pagar a multa da motorizada, que já não existe. As coisas foram-se acumulando... aumentando... eu não podia... e, fui dentro!

Como me dói!? Como a lei é cega e os Homens teimam em fechar os olhos! Ricos e poderosos, roubam milhões e são senhores! Os pobres carregam o peso da miséria e a escravatura da lei!...

— A minha mulher... — continuou. — Foi para a casa da mãe com os dois filhos. A renda da casa, ficou por pagar: — 325,00 € mensais. Arranjei trabalho e, amanhã, vou começar. Precisava que me desse, ao menos, para três ou quatro meses de renda, pois o senhorio não me permite trazer as coisas.

Dei-lhe 2.000,00 € em cheque e mais 60,00 € em notas, para a viagem e as primeiras necessidades. É assim o Património!...!

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

*Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal.* □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Outros abrirão o seu coração

FICO maravilhado com as notícias que chegam de Paço de Sousa, dando como certa a vinda de um Padre para a Obra.

Quando em Junho estive em Portugal, por necessidade de saúde, já pude conhecê-lo, porque era visita frequente da nossa Casa de Setúbal e ele é da Diocese. Foi o primeiro Bispo, D. Gilberto, a responder à nossa tão grande necessidade, aliás também aquele que mais tem visitado a nossa Casa.

Creemos que outros abrirão o seu coração a esta dimensão da Igreja servir os seus filhos mais abandonados.

Por aqui, nada à vista, apesar de o nosso Bispo estar connosco nessa angústia. Atravi-me, ao explicar o que é a Obra da Rua a um grupo de Seminaristas, cuja formação tem dependido do próximo Bispo de Tete, que de Padres africanos não poderemos contar com ninguém, enquanto a sua mentalidade não mudar.

Estes que nos visitavam eram Combonianos, e portanto ligados a uma Congregação Religiosa que tem o seu carisma próprio, enquanto nós somos simples diocesanos. Coisa que para muita gente não dá para compreender,

mas é mesmo assim. As Congregações formam os seus Padres e nós não somos Congregação e vamos por um caminho diferente. Talvez não demore muito a termos Padres de outras nacionalidades, como já temos em Malanje o Padre Rafael.

O que nós com os nossos pecados tornamos irrealizável, Deus faz, quando chega a Sua hora. De uma coisa não duvidamos. A Obra é de Deus.

Quanta angústia não viveu o Pai Américo, na sua caminhada até ser Padre aos quarenta anos. Que passos dolorosos foram os seus, depois de deixar para trás esta África que seduz de muitos modos tanta gente, que vem uma vez e fica presa. Uns em simples negócios, mas tantos voluntários ao serviço do desenvolvimento deste Povo.

Que desengano atroz quando os Franciscanos, que conheceu na Escola de Artes e Ofícios da Beira, como exímios educadores dos naturais da terra, lhe barram a vocação à Santa Pobreza do Pobre de Assis.

Que angústia também quando o Seminário do Porto, da sua Diocese, lhe diz não. porque o Sr. Bispo o viu um dia vestido de

africanista, a tocar viola com a tuna dos rapazes da sua terra, no adro da Igreja.

Quanta amargura terá passado no coração de Pai Américo, porque ninguém acreditava nele. Mas a hora da Graça já tinha chegado. Faltava subir o Calvário do sofrimento.

Os caminhos de Deus são assim. E sempre que Ele chama alguém a amar chama-o a sofrer. Antes e depois. Por vezes um sofrer que parece não ter sentido.

Todos nós Padres da Rua temos provado o sofrimento. Alguns mais, outros talvez menos. Ele é o tempero da nossa vida. Mas Deus ultimamente tem-nos apertado com a limitação da nossa idade, a uns poucos mais de anos e somos seis na recta final.

Há horas de sentir que já chega, mas noutras somos lançados para a frente, como se tudo estivesse a recomençar. Porque a vida é um eterno recomeço. Nunca está bem o que fizemos, nem tão pouco chega para hoje o que ontem já foi um grande passo.

Estamos no limiar de um mundo novo para aqueles a quem ajudámos a entrar, e de saída para outro mais alto que Deus tem preparado para nós. □

DOCTRINA

Pai Américo

*Devemos ocupar
o que é nosso com o suor
do rosto e não com linhas
nos mapas...*



POR muitas vezes e variados títulos tenho entrado no Ministério das Colónias, mas nunca vim de lá tão contente como desta feita. Nada mais nada menos que a perspectiva feliz de enviar para as nossas Províncias Ultramarinas, na qualidade de colonos, uma dúzia de rapazes do Lar de Coimbra. A notícia caiu-lhes bem e causou grande alvoroço. Os rapazes querem ir. Já não há medo do desconhecido.

O alcance social deste primeiro embarque não se discute. Rapazes dados ao perigo moral, dos quais os Serviços Jurisdicionais de Menores tomaram conta em pequeninos, hoje apresentam-se no Ultramar como trabalhadores de primeira classe. Mecânicos, alfaiates, marceneiros, tipógrafos — vão todos contentes ganhar o pão-de-cada-dia, debaixo da bandeira de Portugal. Sem família, adoptados pelo Governo, têm hoje a Nação por mãe. São também os colonos que mais prometem, justamente por não terem laços de sangue que os prendam à terra natal. Quem me dera ir com estes primeiros!

É preciso pregar aos colonos o amor à terra aonde a vida lhes vai bem. Que se estabeleçam. Se a vida séria em toda a parte custa, pois que lhes custe ali. Devemos ocupar o que é nosso com o suor do rosto e não com linhas nos mapas; que essas, qualquer acontecimento social as muda ou faz até desaparecer. É da História.

A seu tempo, daremos os nomes e as profissões de cada um dos felizes colonos. Eram da rua! O Chico carpinteiro disse-me duma vez que não queria voltar para a rua, tendo saído de lá. Pois não volta, não senhor. Vai ver Portugal.

Eu sou da época em que as crianças nadas em perigo moral, cresciam e medravam no mesmo perigo e iam mais tarde para a África, sim, mas com passaporte nas mãos do comandante — e eram ali seres perigosos. Eu sou dessa era. Hoje, outros tempos, outros costumes.

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

BENGUELA

Padre Manuel António

«Todos comeram e ficaram saciados»

ESTA manhã, fui confrontado, mais uma vez, com a Palavra do Senhor, rezada no Evangelho do dia. É muito conhecida, mas tem o sabor sempre novo. O gesto da multiplicação dos pães, com o qual Jesus mata a fome à multidão de gente que o procurava e escutava, é precedido dum autêntico desafio a cada um de nós. À proposta dos discípulos para que o Mestre mande embora aquela gente, à busca de comida, porque a hora é tardia e o lugar nada tem, Jesus respondeu-lhes: «Não precisam de se ir embora; dai-lhes vós de comer.» «E a comida onde está? Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.» Chega! «Trazei-mos cá».

Todos comeram e ficaram saciados. Sobraram ainda doze cestos cheios. Se cada um de nós partilhar o que é, mais o que tem, o milagre acontece. A mudança da situação para melhor será um facto. Tenho ainda muito viva a lembrança das dezenas de mulheres, com os seus filhos ao colo, dependurados nos peitos secos, fugidas das suas terras, durante a guerra. Vieram à procura dos corações e das mãos que

as salvassem. Receberam o amor e o pão que se fez leite para dar aos filhos. Estavam transformadas, passado pouco tempo. O pão-nosso de cada dia é fruto da generosidade de todos.

Diante de nós, há sempre muita gente a precisar de ajuda para uma vida mais digna, também. Estamos a repartir, de igual modo, o que é posto em nossas mãos. Quem nos dera poder chegar mais longe! A porta da esperança está sempre aberta. Há dias, tivemos a surpresa da visita dum missionário leigo alemão. Não esqueceu a sua admiração pelo que viu e ficou a conhecer. Deixou-nos a promessa de irradiar a mensagem no seio do povo da sua terra. Quem dera possamos ver também os seus frutos! Estamos a pensar nas tremendas necessidades que vêm de fora da nossa Casa. Não esqueçamos, porém, as obras necessárias para a recuperação das residências dos nossos rapazes. São as obras de dentro. Fomos consolados pela promessa dum auxílio substancial para este fim. Veio das entidades oficiais. Porém, tarda muito em cumprir-se. Não

queremos desanimar. Entretanto, já fomos dando alguns passos em frente, com as ajudas dos amigos e das amigas. Moram muito longe. O oceano está no meio. Os seus corações, porém, batem no seio da nossa família.

Nos últimos dias, chegaram pedidos para a entrada de novos filhos. Não foi possível atendê-los. Têm família. Olham para a nossa Casa do Gaiato como a solução ideal dos problemas familiares dos filhos. É na família natural que o trabalho preventivo e curativo deve ser feito. A sociedade, sem dúvida, está marcada por uma degradação moral grande. A raiz do mal está, frequentemente, na própria vivência familiar. O lar deve ser a fogueira do amor que prende para fazer crescer e amadurecer os filhos. Porém, são, muito frequentemente, a porta aberta para a vida da rua. Encontramo-los nas ruas da cidade. Muitos deles pedem para entrar na Casa do Gaiato. É a verdade latente em cada coração a pedir uma família para estas crianças. Nada mais podemos fazer por elas do que amá-las. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Côdeas

QUARENTA anos depois do primeiro passo na superfície da Lua, uma crise alimentar ameaça milhões de pessoas.

Não se pode meter a cabeça na areia, como a avestruz; pois, outros problemas, à escala mundial, são notícia: aquecimento global, crise económica, pandemias (HIV, Gripe A).

Será que a produção alimentar e a justa distribuição vão acompanhar o crescimento da população global? É recorrente esta questão do equilíbrio entre população e recursos alimentares. Uma das causas para o preço elevado do trigo é a seca prolongada e a diminuição das áreas de produção deste cereal, em favor do milho para biocombustíveis. Os mais pobres são os mais vulneráveis. E os *motins da fome* têm-se sucedido em África, na América Latina e na Ásia.

Na recente Encíclica *Caritas in veritate*, do Papa Bento XVI, é reafirmado que *“dar de comer aos famintos é um imperativo ético para toda a Igreja”*.

São, também, necessários métodos de cultivo de alimentos adaptados às alterações climáticas e sem custos ecológicos.

Acontece, ainda, que, a nível mundial, é desperdiçada metade dos alimentos que se produzem: nos aterros, do lixo, meia parte é restos de alimentos; e um terço do que é comprado não é consumido...

Deus é fiel à sua promessa, apesar das murmurações, enviando alimentos para o Seu povo. Assim foi, com Moisés, na caminhada de libertação para a *terra prometida*. E, quando uma grande multidão, com fome, veio ao encontro de Jesus, André indicou-Lhe *“um rapazito com cinco pães de cevada e dois peixes”* (Jo 6,9).

Se, antes de escrever, é preciso viver, foi necessário vergarmo-nos para a terra, na apanha da batata, plantada em mais de uma centena de leiras, em solos cultivados, mas junçosos.

Numa ocasião, um Rapaz, ocioso, refilou: *“Porque se semeou tanta batata?...”*

Nesta Família, eles também têm as bocas abertas cinco vezes ao dia.

Mais, as inclemências climáticas e as pragas diminuem as colheitas.

Em terrenos próximos, de regadio, foi semeado milho. Como tem sido amanhado e regado, mete cobiça aos veraneantes.

Encontrámos, há dias, o Pedro a moer grãos deste cereal, para a nossa bicharada. Os filhos fazem-se homens, se fizerem também aquilo que é simples, a sua obrigação.

Nalgumas refeições, a nossa Comunidade tem-se deliciado com pêssegos, sem fitofármacos, que penderam das pernas, com abundância, neste ano agrícola.

Um Luís, com mais olhos do que barriga, entretanto, deixou ficar uma cena inaceitável: algumas côdeas de pão foram, sorrateiramente, deitadas debaixo da mesa. Admoestado, foram reaproveitadas; pois, sabemos que parte daquilo que comemos, através dos nossos Amigos, é amassado com privações e lágrimas. Outrora, até se beijava o pão que caía no chão...

Doridos, uma beuisse esperou-nos, outra vez, depois da Fração do Pão, dominical: mão amiga, do ramo, veio trazer três sacos de pão gostoso. E, no dia seguinte, chegou um cabaz de sardinhas.

Se não fôssemos aproveitando o que sobra, de alguns cestos amigos, mais vezes seríamos obrigados a amassar farinha, na nossa padaria. De facto, não há pão como aquele que é feito pelas mãos dos próprios que o semeiam e comem. Até as partes externas, endurecidas, são devoradas, quando se tem cozido fornadas de pão, em dias festivos. Nesses momentos, os cestos, sobre as mesas, esvaziam num abrir e fechar de olhos, porque é bom.

Se o pão for bem distribuído e recolhidos os bocados que sobram, ainda se enchem doze cestos. Na verdade, Jesus é o *Pão da Vida!* □

A Caridade na Verdade

É o título da recente encíclica do Papa Bento XVI, na sequência daquelas outras de antecessores seus desde a *«Rerum Novarum»* de Leão XIII, que constituem a *coluna vertebral* da Doutrina Social da Igreja.

Eu ainda só li a introdução e saboreei-a. E é em ritmo de saborear que tenciono ler os seis capítulos que a integram. Encantou-me a simplicidade, a acessibilidade a qualquer leitor, o que nem sempre acontece nos documentos eclesiais.

Caridade é o nome de Deus. Nome que é fonte do dinamismo divino comunicado aos homens para O revelarem. E estes, tantas vezes, decerto mais por incompreensão que por maldade, maltratam a palavra em caricaturas que desfiguram o verdadeiro rosto d'Aquele que por ela Se chama. Daí a urgência de esclarecer, de desembaraçar a Verdade, que também Deus é, de névoas que o mundo levanta e A escondem, pois a Caridade ou é na Verdade ou simplesmente não tem significado.

Quantas vezes Pai Américo verberou o mau uso da palavra a propósito das *«caridadezinhas»* que mentes embebidas de mundanismo produzem, julgando que fazem bem e não fazem nada — nada, exactamente porque lhes falta a verdade.

Vamos, pois, respirar da encíclica — e tenho de me conter nos meus sublinhados, tanto quanto o exige a exiguidade do espaço num pequenino jornal como o nosso.

«A Caridade na Verdade é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira. É uma força que tem a sua origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta.»

«Defender a Verdade, prapâ-la com humildade e convicção e testemunhá-la no vida são formas imprescindíveis de Caridade (...) Ela é o vio mestra da doutrina social da Igreja.» *E porquê?* «Parque ela é a síntese de toda a Lei, como ensinou Jesus no Seu Mandamento Novo.» *É dela que nasce toda a doutrina social como a já grande árvore que começou e cresceu de pequenina semente. Eis a simplicidade encantadora, a essencialidade deste documento papal. Toda a doutrina vem de e cabe, par mais que a reflexão a faça crescer, no «amai-vos como Eu vos amei», palavra de ordem de Jesus que resume todas as Suas palavras.*

Claro que o mundo resiste a esta simplicidade com a tendência infeliz para complicar que herdámos de Adão. Mas Cristo, «o novo Adão», veio justamente para a remir. E os homens têm de cooperar nesta «conjugação da Caridade com a Verdade», conforme estas palavras da encíclica: «A Verdade há-de ser procurada na 'economia da Caridade', mas esta deve ser compreendida e praticada sob a luz da Verdade. Deste modo teremos não apenas prestado um serviço à Caridade, mas também contribuído para tornar credível a Verdade, mostrando o seu poder de autenticação e persuasão na vida social concreta.»

«Pela sua estreita ligação com a Verdade, a Caridade pode ser reconhecida como expressão autêntica de humanidade, de importância fundamental nas relações humanas, nomeadamente de natureza pública (...) Sem Verdade, a Caridade cai no sentimentalismo (...) É o risco fatal do amor numa cultura sem Verdade: uma palavra abusada e adulterada chegando a significar o oposto do que realmente é.»

«A Verdade (a procura dela) cria diálogos e consequentemente comunicação e comunhão.»

Quanto a Caridade ajuda nesta procura e sai fortalecida dela pela ultrapassagem de subjectividades para uma avaliação mais universal de valores, o que por sua vez reforça a comunhão ente os homens!

E termino hoje com mais esta citação:

«Sem a Verdade a Caridade fica excluída dos projectos de um desenvolvimento humano de alcance universal, no diálogo entre o saber e a realização prática. (...) Mas viver a Caridade na Verdade leva a compreender que a adesão aos valores do cristianismo é um elemento útil, mesmo indispensável para a construção de uma boa sociedade e de um verdadeiro desenvolvimento humano integral.»

Padre Carlos

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

crescimento, sujeitando a sua realização à fragilidade de mãos humanas que lhe dão visibilidade.

Quem assim caminha não fica parado nem olha para trás, não teme antes se admira perante os passos que lhe falta dar. A força do chamamento o impele e lhe revigora as forças para os trabalhos, canseiras e contrariedades da vida.

Tão certas estas como o chamamento que as precedem, são a prova e a garantia da sua autenticidade e do seu cumprimento.

Da conjugação das duas vontades, do querer de Deus e do querer obediente do homem, nasce a obra, não como fim em si mesmo mas para benefício de todos. □

ANO SACERDOTAL

Padre João

Continuação da página 1

Raramente os profetas são bem sucedidos e entendidos no seu tempo. Sempre assim foi. É que eles antecipam na história um futuro que não vêem, senão pela fé... mas que lhes dará razão. «O meu justo viverá pela fé.»

A fé foi o segredo do apostolado de S. João Maria Vianey e do Padre Américo: «A fé é uma alavanca para fazer face à vida.»

Tantos outros que se constituíram em ícones de uma vida sacerdotal «realizada» no caminho da entrega e da humildade. «A humildade é a porta.» Vastas vezes o recordou Pai Américo, para entrar na vida verdadeira. □